

O IRMÃO ALEMÃO: A FICÇÃO COMO MÉTODO CRÍTICO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i40p313-325>

Iris Kantor

RESUMO

O comentário se concentra em analisar a presença da documentação primária na composição da narrativa ficcional. Busquei assinalar como as diferentes dimensões do passado histórico interagem criticamente neste *romance de formação*, em que a memória familiar converge com a memória da nação brasileira. Como exemplo, me detenho nos estigmas de judaísmo e de cristão-novo, invocado pelo narrador como uma questão socialmente perturbadora e singular.

PALAVRA-CHAVE: memória da ditadura; narrativas ficcionais; crítica da memória; cristãos-novos.

ABSTRACT

This brief essay centers on analyzing the presence of primary sources in the composition of the fictional narrative. ***O irmão alemão: a ficção como método crítico.*** As an example, I dwell on the case of the New Christian stigma, invoked by the narrator as a disturbing and singular social issue."

KEYWORDS: memory of the dictatorship; fictional narratives; critique of memory; new Christians.

O pouco que se sabe acerca da vida privada de Cláudio Manuel da Costa não nos autoriza a discernir em suas obras poéticas os elementos de uma biografia externa que possam determinar até onde seria fruto de experiência pessoal as intermináveis mágoas que nela se espelham. (...). Sérgio Buarque de Holanda

A epígrafe extraída da coletânea póstuma, organizada por Antonio Cândido, nos convida a pensar sobre os dilemas de historiadores, críticos e biógrafos.¹ Como sugere a citação, não se pode explicar uma obra artística pela biografia do seu autor². Ainda que a experiência vivida reverbere na obra, ela não é suficiente para compreender sua singularidade e presença na memória cultural. No romance *O Irmão Alemão*, Chico Buarque encena um narrador (Francisco de Hollander, apelidado de Ciccio) obcecado em descobrir o paradeiro do seu meio-irmão berlinense. Logo nas primeiras páginas, a descoberta de uma carta em alemão sem tradução, assinada por Anne Ernst, no interior de um livro retirado da biblioteca paterna, abre a jornada de peripécias de Ciccio. Datada de 21 de dezembro do ano de 1931, a carta em alemão noticia o primeiro aniversário do filho nascido no ano anterior em Berlim, e anuncia que, dada a falta de resposta do pai biológico, a jovem mãe estava decidida a refazer sua vida com um pianista disposto a adotar a criança.

A imaginação do filho sobre o relacionamento amoroso do pai com a jovem dançarina no tempo em que o historiador, ainda solteiro, estudou e trabalhou como jornalista cultural na capital da República de Weimar, organiza o eixo

¹ Sergio Buarque de Holanda. *Capítulos de literatura colonial*. Organização e introdução de Antonio Cândido, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 355.

² Agradeço ao historiador João Klug (UFSC) pelas conversas que me orientaram a propor esse breve comentário. Veja-se a entrevista com o professor Klug ao canal no youtube LeituraObrigaHistória: <https://www.youtube.com/watch?v=E6rMzFCEYNE>; <https://cotidiano.sites.ufsc.br/historiador-da-ufsc-ajuda-chico-buarque-a-encontrar-irmao-desaparecido-na-alemanha/>: acesso, 28.09.2024.

dramático e temporal deste *romance de formação*.³ Chico Buarque mobiliza a *memória pública* da família Buarque de Holanda e o faz através de uma variedade de formas de ficcionalização dos personagens, locais e acontecimentos.⁴ De tal modo que não estamos lidando apenas com um romance com elementos autobiográficos, mas com um sistema de referências em que se entremeiam as memórias da família, a memória dos anos de chumbo e a vivência do narrador. O pacto ficcional em certa medida pressupõe que o leitor conheça o legado de Sérgio Buarque de Holanda, este extraordinário historiador brasileiro, cuja atuação na vida cultural e política brasileira foi verdadeiramente emancipadora. No romance, o autor faz coincidir o retrato físico, mental e anímico do seu pai com Sérgio de Hollander, embora a configuração familiar seja outra: Ciccio tem apenas um irmão mais velho (Domingos, apelidado de Mimmo), e Chico Buarque tem seis irmãos e uma mãe que não era descendente de italianos como no romance.⁵

Atormentado com as dificuldades de se comunicar com o pai, o narrador toma para si a tarefa de escrever um romance sobre os destinos do irmão alemão, almejando ganhar notoriedade e o reconhecimento paterno, e comenta: *esse mistério papai poderia me desvendar, se me desse liberdade para uma conversa a dois. O que não seria inviável caso ele viesse a saber que me tornei um homem de letras... Não seria por mim que ele tomaria conhecimento do meu romance, muito menos com a trama que tenho em mente, ainda que os personagens reais figurem com nomes trocados ou referidos pelas iniciais*⁶. Em entrevista a Melquíades Cunha Júnior em julho de 1992, Chico Buarque discorre longamente sobre a convivência com seu pai: *na literatura, ele também sabia tudo e, comigo, o diálogo foi conquistante a partir desse momento. Eu comecei a me interessar. E me perguntei: eu estava mesmo interessado na literatura, ou interessado, através da literatura, em me afirmar diante do meu pai.*⁷

³ O narrador expressa essa intenção pelo narrador na página 173.

⁴ A noção de *memória pública* da família de Sérgio Buarque de Holanda foi trabalhada originalmente no capítulo de Giselle Martins Venâncio do qual me sirvo livremente. *The Buarque Holanda: family memory and political engagement in the Public space in Brazil*. In Slabáková, Radmila. *Family Memory: practices, transmisions and uses in a Global Perspective*, Routledge, p. 45-59.

⁵ Giselle Martins Venâncio. "A dona de casa da rua Buri, 35: Maria Amélia Buarque de Holanda", texto inédito, cedido pela colega historiadora, professora da Universidade Federal Fluminense, a quem agradeço a partilha.

⁶ p. 150.

⁷ Entrevista concedida a Melquíades Cunha Júnior, publicada em 5 de julho de 1992. http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque_chico.htm

Assim, apoiando-se em fontes primárias (impressos oficiais, fotografia e manuscritos), o narrador tentará desvendar os segredos paternos, num movimento permanente de identificações e projeções até a última página. Chico Buarque se apoia em documentos privados (ainda sob a custódia da família) para reforçar a veracidade dos fatos narrados, dando ritmo, materialidade e sentido à intriga, que se desenvolve como um monólogo interior em que investiga a própria consciência ou insciência, retrospectivamente.

O autor expõe as evidências documentais com perspicácia, criando uma atmosfera de suspense e suspeição. Após a carta de abertura do romance (cuja tradução só aparecerá no capítulo 3)⁸, ele nos apresenta a correspondência entre o pai, a legação alemã (no Rio de Janeiro) e a Secretaria de Infância e Juventude (em Berlim), encarregada da tutela das crianças órfãs⁹. Datada de agosto de 1932, lemos a carta de Sérgio de Hollander ao consulado alemão (dessa vez já com a tradução direta do narrador), propondo a repatriação da criança ao Brasil ou, alternativamente, a possibilidade de lhe custear a pensão mensal de 150 mil réis. A recepção da missiva é confirmada no mês seguinte, e o autor a reproduz no capítulo 11.¹⁰ Sabemos que a esposa de Sérgio de Hollander, Dona Assunta, cujo nome próprio, aliás, nunca é mencionado no romance, está a par das tratativas do marido pelo comentário de Ciccio: *mas ao guardar de volta os documentos esbarro no fundo do envelope pardo com uma foto pouco maior que uma carta de baralho, trazendo no verso os nomes de Sérgio e Anne Ernst com a caligrafia da minha mãe.*¹¹

Mais adiante, no capítulo 14, outra série de cartas enviadas à Secretaria da Infância e da Juventude e às autoridades municipais de Berlim, datadas de dezembro de 1936 e novembro de 1937, respectivamente, revelam as dificuldades de Sérgio de Hollander de atestar sua religião e ascendência: *esforcei-me bastante para conseguir as certidões necessárias, minhas e de meus antepassados, a fim de comprovar a origem ariana do menino Sérgio Ernst que se encontra sob tutela pública. Infelizmente as condições aqui no Brasil não facilitam essas investigações. Até 1889, não existiam nem sequer certidões de nascimento, porque o catolicismo*

⁸ p. 33.

⁹ pp. 114-15.

¹⁰ Capítulo 11, p. 114.

¹¹ p. 116.

era, até então, nossa religião estatal, e as únicas certidões eram...¹² A incompletude da frase é intrigante, não se sabe se foi uma dificuldade de tradução ou se o rascunho em cópia carbono da carta tenha sido mutilado em meio à dispersão dos documentos apreendidos pela polícia política quando a casa paterna foi invadida.

O quebra-cabeças documental aguça a curiosidade do leitor, as informações lacunares e as descontinuidades cronológicas entre as cartas criam brechas para fabulações contrafactualis, o processo de adoção de Sérgio Ernst por um casal alemão será revelado a conta-gotas até o último capítulo. Chico Buarque insere a documentação em momentos muito precisos da narrativa, estabelecendo paralelismos entre o regime nazista e o contexto das perseguições políticas durante a ditadura militar¹³. Ainda no mesmo capítulo, o narrador comenta a dificuldade de reaver os papéis e livros apreendidos pela polícia política: *dentro da pasta, dou por falta do papel timbrado que me lembro de ter visto nas mãos do inspetor. Mas posso inferir o seu teor pelos manuscritos do meu pai, em três rascunhos de cartas incompletas que assim traduzo.*¹⁴

Somente no penúltimo capítulo o leitor poderá ler a tradução da carta do juizado de órfãos berlimense de setembro de 1934, exigindo que o pai do menino órfão enviasse as certidões de sangue ariano, o que nas sociedades ibéricas corresponderia às provas de *pureza de sangue* requeridas para que os súditos pudessem receber as benemerências dos reis. Na impossibilidade de cumprir tal exigência, Sergio de Hollander escreve: *no meu caso, essa investigação é ainda mais difícil porque os meus antepassados provêm de diversos.*¹⁵ Em defesa do pai, Ciccio admite que: *E à força de fuçar arquivos de cartórios e paróquias em ruínas de engenho de açúcar, quem sabe logrou, sim, os dados genealógicos que lhe faltavam. Mas nesse caso, por um ou outro motivo não julgou conveniente enviar a Berlim o que encontrou.*¹⁶

A dificuldade de reconstituir a cadeira genealógica ganha relevância nesse contexto. No segundo capítulo, o narrador se refere ao seu avô — Arnau de

¹² Capítulo 14, p.164.

¹³ Sabrina Costa Braga. Multidirectional Memory: The Holocaust and the Brazilian Military Dictatorship in K. Relato de uma busca and O irmão alemão. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 189–205, 2024. DOI: 10.5216/rth.v27i1.79624. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/79624>. Acesso em: 3 out. 2024.

¹⁴ Capítulo 14, p. 163.

¹⁵ p. 164.

¹⁶ pp. 168-167.

Hollander — como tendo sido proprietário de uma tipografia no Rio de Janeiro. A escolha do nome me parece significativa, uma vez que o seu avô era farmacêutico e não tipógrafo, tendo sido diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, além de professor na Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia na capital.¹⁷ A referência ao antepassado longínquo Arnau de Hollander, portanto, não parece ser casual, e nos remete às origens cristãs-novas do ramo brasileiro da família Holanda.

Vejamos o que dizem os historiadores e genealogistas: Arnau de Holanda (ou Hollander) existiu de fato, e foi um mercador e senhor de engenho flamengo abastado que se instalou na capitania de Pernambuco por volta de 1535. Segundo José Antônio Gonçalves de Mello, o filho de Arnau de Holanda, Agostinho de Holanda e Vasconcelos, casou-se com a neta da cristã-nova Branca Dias, Maria Paiva, essa última, declarada 1/2 cristã-nova nos autos da primeira visitação do Santo Ofício no Brasil.¹⁸ Não é improvável que a família de Chico Buarque tivesse outras costelas cristãs-novas também pelo lado materno na Bahia colonial.¹⁹ De qualquer forma, vale destacar que a presença deste parentesco distante na composição enraíza a narrativa na experiência histórica da colonização. Esse sutil anacronismo talvez possa ser considerado como uma expressão da *matéria brasileira*, no sentido atribuído pelo crítico Roberto Schwarz.²⁰

Vejamos como a tópica da impureza de sangue (ou da sua contraparte: o sangue misturado) atravessa o romance como algo perturbador que suscita infinitas conjecturas. Em outro trecho (no capítulo 10), o narrador sugere em tom de sarcasmo a conexão inaudita entre a condição judaica sob o regime nazista e a experiência cristã-nova no período colonial: *Nos tempos da Inquisição sabe-se que*

¹⁷ O avô de Chico Buarque (Christovam Buarque de Holanda 1864-1941) era pernambucano e foi um dos fundadores da Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia em São Paulo.

¹⁸ José Antonio Gonsalves de Mello. *Gente da Nação: Cristãos-novos e judeus em Pernambuco*, Fundação Joaquim Nabuco, 1996, p. 110 e 135; Evaldo Cabral de Mello. *O nome e o sangue*, Cia. das Letras, p. 75 a 80 (3a edição), 2008.

¹⁹ Paulo Valadares. "Uma princesa cristã-nova na genealogia de Chico Buarque". Disponível em: <http://judaismohumanista.ning.com/group/marranismo-anussim/forum/topics/uma-princesa-crista-nova-na-genealogia-de-chico-buarque-paulo-val>. Acesso em: [data não especificada]. Sobre o problema das identidades cristãs-novas no Nordeste, veja-se Bruno Feitler. Four chapt. in the history of crypto-judaism in Brazil: the case of the northeastern new christians, *Jewish History*, Springer, 2010.

²⁰ Roberto Schwarz. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da Malandragem", in *Esboço de figura: homenagem a Antonio Cândido*, São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 133-155; *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34; vale consultar o dossiê dedicado à Matéria Brasileira, publicado na *Margem Esquerda, revista da Boitempo*, 2023,

judeus convertidos chegavam a imputar o judaísmo a legítimas famílias cristãs, no empenho de desviar a atenção de suas próprias origens. Mas se Anne (a personagem homônima da progenitora do meio-irmão alemão) me assevera que os Hollander são judeus, não vou devolver na mesma moeda, nem correr atrás de árvore genealógica para contestá-la²¹. Nessas e noutras passagens, o estigma cristão-novo vem à tona, e Ciccio confessa desconfiar do comportamento dissimulado do pai, reconhecendo indícios do seu marranismo: *meu pai, que devora linguiças calabresas com polenta nas tardes de domingo.*²² De fato, o colaboracionismo com os perpetradores da inquisição (ou do nazismo) não foi incomum e nem privilégio dos judeus.²³

Sempre atento aos processos de apagamento da memória da violência colonial em nosso país, especialmente no caso das populações indígenas e afrodescendentes, Chico Buarque afirmou em seu discurso quando recebeu o prêmio Camões de Literatura, em 24 de abril em 2023:²⁴ *Como a imensa maioria do povo brasileiro, trago nas veias o sangue do açoitado e do açoitador, o que ajuda a nos explicar um pouco...* Ao se referir aos antepassados sefaraditas perseguidos pela inquisição, Chico Buarque rememora a violência da colonização, mas ironiza: *pode ser que algum dia eu também alcance o direito à cidadania portuguesa a modo de reparação histórica. (Risos).* É importante assinalar que tanto o pai como o autor, estiveram sempre nas trincheiras das lutas antisalazaristas e anticolonialistas; logo, uma cidadania a título de reparação poderia soar como um privilégio assimétrico, frente à memória recente das guerras de libertação das ex-colônias portuguesas.

²¹ p. 111.

²² p. 111. Sobre o fenômeno do marranismo no Brasil, ver estudos de: Anita Novinsky. *Viver nos tempos da Inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 2018; Léon Poliakov. *De Maomé aos marranos*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

²³ Elvira Mea estudou as denúncias falsas de práticas judaicas feitas por cristãos-novos em seu livro: *Inquisição de Coimbra*. Porto, 1997.

²⁴ Ele confirma essa ascendência: "Recuando no tempo, em busca das minhas origens, recentemente vim a saber que tive por decavós paternos o casal Shemtov ben Abraham, batizado como Diogo Pires, e Provida Fidalgo, oriundos da comunidade barcelense. A exemplo de tantos cristãos-novos portugueses, sua prole exilou-se no nordeste brasileiro do século XVI. Assim, eu também alcancei o direito à cidadania portuguesa a modo de reparação (risos)." Discurso pronunciado em 24 de Abril de 2023 na cerimônia de entrega do prêmio Camões em Lisboa: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-do-grande-rio/projeto-curricular-articulador-pesquisa-de/integra-do-discurso-de-chico-buarque-ao-receber-o-premio-camoes/65779215>.

Os críticos literários sugerem que o uso da documentação primária nos romances contemporâneos definem o gênero: *ficção de arquivo*,²⁵ mas neste breve comentário tomo essas evidências como dispositivos indiciários, no sentido atribuído por Carlo Ginzburg. A narrativa se estrutura em dois planos: por um lado, a relação entre pai e filho, mediada pelas leituras comuns e pela onipresença da Biblioteca na vida da família; por outro, a tentativa de reconstrução dos eventos traumáticos (nazismo e ditadura) vividos, recalados e sublimados no entremear das memórias: individual, familiar e coletiva. A intersecção entre esses dois planos narrativos estruturantes tem força hermenêutica, porque reconfigura as suposições que o Ciccio extraí dos testemunhos históricos, a ficção age como um filtro crítico da memória coletiva e familiar.

No penúltimo capítulo a reprodução fac-similada de uma carta em papel timbrado, datada de 24 de setembro de 1934, traduzida pelo narrador, que nessa altura já maneja razoavelmente a língua alemã permite compreender a engenhosidade da obra²⁶. Quem lhe entrega a correspondência oficial da prefeitura de Berlim é Udo Heydrich, justamente o tradutor da primeira carta encontrada por Ciccio no interior do livro, logo na abertura do romance.²⁷ A caracterização psicossocial deste personagem sugere uma linha de continuidade entre o nazismo e a ditadura militar. As associações nunca são lineares ou binárias, mas atravessadas por tensões, contrastes e ironias, que ganham cor e nuance nas referências literárias, cinematográficas e musicais. Este mesmo rapaz, transformou-se num industrial com amizades nos quartéis e amante da artista plástica Eleonora Fortunato, mãe de Ariosto/Thelonious, seu melhor amigo de juventude, desaparecido e morto pela ditadura brasileira. Udo Heydrich, que

²⁵ Sobre o uso de documentos em narrativas ficcionais: Nathalia de Aguiar Ferreira Campos. “De Chicos e Sérgios: uma leitura do *O irmão alemão* de Chico Buarque como ficção de arquivo”, revista *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 22, dezembro de 2016; Juliane Vargas Welter. “Onde andarão Castana, Matilde, Sergio, Domingos, Ariosto...? Os desaparecidos como princípio formal dos romances de Chico Buarque.” *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 66, pp. 69-85, abr. 2017.

²⁶ Especialmente após a morte do seu pai: *e quando tropeço em suas frases inconclusas, entendo que ali meu pai interrompeu sua escrita para não chorar por sua vez de raiva, de humilhação*, p. 171.

²⁷ Não por acaso *O Ramo de Ouro* (1890) de James Fraser, um clássico da antropologia, tematiza a passagem do poder de uma geração para outra (de um rei sagrado para o seu sucessor), ou seja, da relação entre pai e filho. O filho representa a renovação e a continuidade da linhagem, mas também a necessidade de romper com o passado.

envelheceu colecionando de relíquias filonazistas da Segunda Guerra, vai ao encontro de Ciccio no penúltimo capítulo, para lhe entregar o documento da prefeitura de Berlin, confiscado pelo inspetor Borges — que é uma parodia da parodia de Jorge Luis Borges sobre o capítulo do confisco da Biblioteca no Quixote de Cervantes — no momento em que prendem o seu irmão mais velho, Mimmo, e a namorada argentina, por atividades subversivas.

Por essa nova evidência, finalmente, saberemos então que o bebê de Anne Ernst e Sérgio de Hollander fora adotado por um casal alemão (os Günther) em conformidade com as Leis de Nuremberg, especialmente a Lei de Proteção ao Sangue Alemão, aprovadas pelo *Reichstag* a partir de Setembro de 1935.²⁸ Ao longo de todo o romance, a possível ascendência judaica de Anne Ernst aparece como uma assombração. Ciccio evita, desvia, oblitera o assunto, mas ele reaparece altissonante a cada capítulo: *Eis afinal uma hipótese que só me havia ocorrido nos piores sonhos, a de que Anne Ernst tivesse cota de sangue judeu.*²⁹ Diante dessa possibilidade, o narrador fabula que a mãe biológica do seu meio-irmão tivesse preferido entregar o bebê à tutela do Estado e fugido do país, pressentindo a catástrofe que se avizinhava com a instauração do nazismo. Em outra passagem: *De Sergio Ernst eu tampouco tinha notícias, temia mesmo pelo pior, e quando comecei a lhe falar das crianças judias nos trens da morte, ele (Udo Heydrich) me interrompeu para contar dos seus supostos irmãos de sangue que também lhe traziam aborrecimentos.*³⁰

Inspirado pelo romance de W. G. Sebald: *Austerlitz*, a personagem do menino órfão que poderia ter sido mandado para um campo de concentração, e que conseguiu fugir para a Inglaterra reverbera neste romance. Segundo Luiz Schwarcz: *Depois de o Chico ler, ele me ligou e disse que não conseguia parar de imaginar o que havia acontecido com o irmão alemão — conta o editor. — Foi daí que ele resolveu escrever uma ficção sobre esse irmão.*³¹

O autor insere a documentação em momentos muito precisos da narrativa, de modo a entrecruzar a conjuntura nazista com as perseguições políticas durante

²⁸ Capítulo 16.

²⁹ p. 159.

³⁰ p. 199.

³¹ André Miranda: *O irmão alemão* de Chico Buarque é ponto de partida para o novo livro do artista: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/irmao-de-chico-buarque-ponto-de-partida-para-novo-livro-do-artista-14564710>.

a ditadura militar. Os acontecimentos históricos e os traumas familiares impingidos pelo golpe de 1964 e tudo o que se seguiu, não alteram os planos do narrador, mas pelo contrário intensificam suas fabulações e desvarios.

A historicidade do romance reside também nos deslocamentos onomásticos, na forma como a paisagem urbana das classes médias intelectualizadas dos anos 1960 e 1970 é retratada. O clima de suspense revela mais sobre as obsessões do autor e menos sobre a resolução da intriga. Ciccio, não é um cidadão engajado, está alheio aos acontecimentos históricos cruciais da sua geração, entretido com suas mirabolantes conjecturas, registra a realidade à volta com distanciamento e sonolência. Nesse sentido, ele compõe um antirretrato do radicalismo de classes médias que tanto marcou a atuação de Sérgio Buarque de Holanda.³²

A descrição da zona oeste paulistana, onde se encenam os trajetos das personagens, com eventuais menções às áreas periféricas (zona leste), repercutem as aspirações otimistas das camadas médias universitárias desde o milagre econômico da Era JK até à redemocratização (1986-1988). Quanto ao Golpe de 1964, aos Atos Institucionais, à resistência dos estudantes e professores da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências da USP, esses acontecimentos aparecem de maneira indireta, em baixo-relevo, nem por isso menos pulsantes. A morte do pai e o desaparecimento do irmão mais velho, cuja militância política o narrador não confirma e nem nega, encetam um tempo de narração, de remorso e de reconciliação. Especialmente na maneira como o Ciccio cuida da sua mãe e se ocupa dos destinos da Biblioteca paterna.

A sobreposição de várias camadas de referências e de ficcionalização produz uma caixa de ressonâncias entre o autor e o narrador. Somente no último capítulo a voz de Chico Buarque aparece com mais ênfase³³. Ao longo do romance, as memórias de diferentes tempos sinistros se entrelaçam subterraneamente, mas a urdidura da trama gira em torno da casa-biblioteca paterna, patrimônio imaterial

³² Ana Paula Pacheco. "O radicalismo do radical de classe média: De cortiço a cortiço", in Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz (orgs.). *Antônio Cândido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 110; Gabriel Silva e Luan Carvalho de Araújo Siqueira. "O dilaceramento do real em *O irmão alemão*, de Chico Buarque". In: Shirley Carreira. *Literatura e diversidade: estudos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores — FFP UERJ, 2021, p. 97-108.

³³ Vale a pena ver e ouvir o minidocumentário sobre o lançamento da versão italiana do romance, onde Chico Buarque conta sobre a viagem a Berlim.

e material que o filho herda, depois da morte da mãe. A esposa de Sérgio de Hollander é retratada como uma eficiente bibliotecária e mãe de família que mantinha o marido dependente do seu método indecifrável de catalogação.

O romance provoca enlevo sinestésico, todas as atrocidades e males do mundo são atenuados ou intensificados pela presença de infinitas referências literárias adequadíssimas às circunstâncias das cenas narradas, evocando passagens antológicas dos clássicos da literatura, da música e do cinema. As estantes da casa paterna dão a medida, tanto do tempo do narrador quanto do tempo histórico.³⁴

O escritor estabelece um diálogo imaginário com a figura paterna, cuja obra e atuação na formação das instituições culturais brasileiras entre as décadas de 1940 e 1970 foi central. Em 1969, o compositor doou uma soma de dinheiro ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP — fundado e dirigido por seu pai - para que ele publicasse a *Bibliografia Brasileira do Período Colonial* preparada por Rubens Borba de Moraes, seu companheiro de geração, modernista de primeira hora, e formidável pesquisador da história das bibliotecas brasilianas no Brasil e no mundo. Com esse gesto, ainda muito jovem, Chico Buarque reconhecia e louvava o legado paterno com o prêmio que recebeu no “II Festival de Música Popular Brasileira” da TV Record pela composição *A Banda* em outubro de 1966.

No último capítulo, as vozes do narrador e do autor se fundem numa nova peregrinação em que Chico Buarque, ele mesmo, visita a família do seu meio-irmão na Berlim reunificada em maio de 2013, quando já havia redigido boa parte do romance. Assim, o narrador/autor refaz os caminhos do pai quando jovem, se instala no hotel Adlon, onde ele havia realizado a famosa entrevista com Thomas Mann, e perambula pelas avenidas e ruas da Berlim Oriental, ritualizando os lugares da memória paterna. Passeia pelos cafés, teatros, estúdios, compra o romance do W. G. Sebald que gostaria de ofertar ao pai se ele estivesse vivo, visita a morada do casal Günther numa antiga fábrica de cigarros estatizada e transformada numa confecção de uniformes militares do Terceiro Reich, e onde o pai adotivo trabalhou como zelador.

³⁴ Mayara Andrade Calqui. “Entre perdas e memórias: uma leitura dos romances *Leite Derramado* e *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque”. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2021; Paul Ricoeur. *Tempo e narrativa*, trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

Neste último capítulo, a narrativa ganha mais uma camada de tempo e de espaço, seu olhar atento às rugosidades do tempo histórico registra as transformações da paisagem urbana: *neste espaço fez efêmero sucesso há pouco tempo a discoteca Magnet, que sucedeu ao obscuro nightclub Miles, que era colado ao diminuto teatro Eigereich, que sucedeu a quartos de aluguel para artistas e estudantes que sucederam a uma manufatura de roupas para senhoras acima do peso, que faliu com a reunificação do país*³⁵. Esses comentários historicizam a transformações cena urbana berlimense, em cadência oníricas e lúdicas, e constituem uma investigação sobre si e sobre os processos de decantação dos acontecimentos disruptivos, evocados por rastros residuais na memória musical dos vivos, nas lembranças que os colegas guardaram do irmão e na sucessão de acasos que o conduzirão ao desfecho das buscas...

Numa tasca espanhola, o narrador encontrará as pistas que o levarão ao reencontro com a família do seu meio-irmão. É ali que ele conhece o museólogo arquivista Wolfgang Probst, personagem que encarna a verdade dos arquivos (e dos historiadores), e lhe propõe uma visita aos arquivos da igreja Immanuel Kant e da paróquia que abriga um acervo centenário. Francisco de Hollander é advertido de que a pesquisa não é franqueada ao público e exige a intermediação de um nativo. As consultas preliminares atestam que o filho adotivo do casal Günther fora rebatizado com o prenome Horst. Francisco de Hollander recorre aos colegas da tasca espanhola, e uma disputa curiosa entre a verdade dos arquivos e a memória dos vivos se coloca como problema na narrativa. Versões diferentes sobre os destinos do meio-irmão são aventadas pelo historiador e os jornalistas da velha guarda que frequentam a tasca ibérica. Para esses últimos, o filho dos Günther é um velho conhecido que se chama Sérgio, e fez carreira de sucesso como apresentador de programas musicais, cantor e locutor na rádio e na TV estatal na República Democrática da Alemanha. Pois é nesse local que o narrador encontrará testemunhos vivos e diretos para ter as notícias dos herdeiros e da ex-esposa do seu meio-irmão.

A desconfiança do narrador em relação à verdade oriunda dos arquivos se aprofunda no final, a balança pendendo claramente para memória cultivada entre

³⁵ p. 210.

os vivos e não nos arquivos. A contraposição, salvo engano, é meramente estilística, funciona como álibi, porque nem os documentos de arquivo são insuspeitos, nem a memória coletiva está isenta de manipulações intencionais ou involuntárias. A literatura de Chico Buarque flerta com as várias dimensões da memória e dos seus fluxos inconscientes. Seja baseada no testemunho, nos arquivos ou na ficção, a reconstituição do passado próximo ou distante exige algum método ou distanciamento, ainda que ficcional.³⁶ No *O irmão alemão*, Chico Buarque se vale do método indiciário com a destreza de um historiador de ofício.³⁷

Iris Kantor. Docente no Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Publicou entre outros: *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724 e 1759)*, CEB-UFBA/Hucitec, 2004. Coordena o *Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica* no Departamento de História/Cátedra Jaime Cortesão.

³⁶ Beatriz Sarlo. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Companhia das Letras, 2007.

³⁷ São numerosas as passagens em que o narrador descreve a sucessão de casualidades que o leva a encontrar pistas nos lugares menos esperados. Sobre o método indiciário, veja-se Carlo Ginzburg: *Mitos, emblemas e Sinais*; e o artigo: *Disciplines, serendipity, case studies*, publicado na *European Review*, volume 28, n. 1, 2019, pp. 11-17.